

FREIRE, Madalena — *A Paixão de conhecer o mundo* — Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, 123p. + 144p. com reprodução do “Livro de Nossas Estórias” e “Cadernos de Lições”.

Este livro é uma obra pioneira em muitos sentidos. A bibliografia sobre o pré-escolar no Brasil é pequena, correspondendo, pois, à pouca importância que se dava a este período na educação da criança. (Na Argentina e no Uruguai o pré-escolar foi estabelecido

há décadas no ensino público, enquanto que aqui ele permanecia relegado às escolas particulares). O crescente interesse que a educação pré-escolar desperta no Brasil tem sido acompanhado pelo aparecimento de livros e números de revistas dedicados especialmente

ao assunto. *A paixão de Conhecer o Mundo* se inscreve nesta tendência e apresenta a grande vantagem de constituir o relato de uma experiência realizada recentemente no Brasil. A reprodução das anotações da Professora Madalena Freire e do material produzido por seus alunos fornece aos professores do pré-escolar inúmeras sugestões práticas, uma vez que comprovaram sua eficiência num grupo de crianças brasileiras. O belo projeto gráfico de Diana Mindlin constitui outra inovação nos livros sobre o pré-escolar até agora editados no Brasil, com uma valorização dos desenhos e escritos das crianças.

A preocupação de produzir um livro bonito e imediatamente utilizável pelos professores do pré-escolar acabou gerando algumas inconsistências. A autora informa, em breve introdução, que os relatórios de 1978 (páginas 19 a 50) são de quando ela trabalhava na Escola Criante (sobre a qual o leitor não recebe maiores informações) e que os relatórios de 1981 (páginas 52 a 123) correspondem ao período em que participou da equipe da Escola da Vila. Para sabermos algo sobre esta escola temos de recorrer à reportagem de um jornal reproduzido na segunda parte do livro, junto com os desenhos e as histórias das crian-

ças. Lá, ficamos sabendo, entre outras coisas que a Escola da Vila funciona somente na parte da tarde, e que os alunos devem pagar 6 parcelas de Cr\$ 9.054,00 por semestre (isto em 1982).

O fato de a escola ser particular e acessível apenas a uma minoria não compromete necessariamente os resultados alcançados. No entanto, como a própria autora declara que o livro é "uma tentativa de ampliar um diálogo com outros educadores" (p. 15), chama a atenção a ausência de referências à situação do pré-escolar quando as crianças provêm de famílias de baixa renda e pouca cultura escrita. O trabalho com criança da classe trabalhadora e de grupos marginalizados traz necessariamente problemas não enfrentados pela autora, como escassez de recursos materiais e dificuldades de relacionamento pais-professores. Dificilmente se veria uma colaboração tão espontânea e eficiente dos pais que, neste caso, eram professores da USP, artista plástica, psicológica, psiquiatra, psicanalista, fotógrafo, etc.) em escolas populares. Dificilmente haveria também "uma chuva de estetoscópios na sala" (p. 48) nem uma "chuva de dinheiro para o "cofre do pré" (p. 110).

Madalena Freire é bastante consciente quando descreve co-

mo introduziu noções de ciências a partir de situações concretas: uma galinha assada servindo para que as crianças adquiram noções de anatomia (p. 43 a 50); o processo de reprodução de uma borboleta trazida por uma criança (p. 51 a 56); a dissecação de uma cobra (feita pelo pai de um aluno) após uma visita ao Instituto Butantã (p. 58 a 61).

O tratamento dado à questão do índio brasileiro (p. 94-95) é exemplar. Madalena Freire desencadeou nas crianças o desejo de conhecer a situação do índio e participou da mesma deste processo de conhecimento ao esudar os livros que as próprias crianças haviam trazido de casa. Ela sugeriu a construção de uma cabana de palha no pátio da escola, o que foi feito imediatamente pelos alunos. Ademais fez uso do testemunho de uma pessoa que tinha visitado os índios no Mato Grosso, leu lendas indígenas, desenvolveu uma pesquisa junto com os alunos sobre índios de outros países e finalmente conseguiu a visita de um índio à escola. Desta maneira, as crianças puderam ter uma visão abrangente e concreta do índio brasileiro, o que dista muito das apresentações grosseiras e preconceituosas que se fazem normalmente na escola brasileira.

É menos satisfatória a aborda-

gem da questão do negro brasileiro que aparece num incidente, relatado na p. 82, em que alguns alunos gritaram “Odeio gente preta!” a duas crianças negras que encontraram durante um passeio. A autora interveio energicamente, lembrando que as crianças tinham nome e conversando com elas, mas não trabalhou a questão de maneira tão clara e completa como no caso dos índios. O mesmo pode ser dito da questão social — que não aflora no relatório, apesar da posição crítica adotada sistematicamente por Madalena Freire.

A explicação dos assuntos relacionados com o sexo e a reprodução é, sem dúvida, uma tarefa delicada. Madalena Freire relata, nas páginas 98 a 102, como enfrentou a questão. Ao ver as fotos de índios e índias nuas uma menina disse que traria “uma revista só de mulher pelada”. A outra esteve de acordo em discutir o assunto no dia, seguinte e anotou: “Percebi que o interesse, a curiosidade, o que buscavam compreender não era a “mulher pelada”, mas sim, o nascimento, não o ato sexual, mas o parto. Pois já vinha observando com frequência várias brincadeiras, onde o interesse central era nascimento e parto”. (p. 98). A argumentação não convence e quando lemos os seus diálogos

com as crianças temos a nítida impressão que estas insistem em aspectos da sexualidade enquanto a autora canaliza a discussão exclusivamente para o processo de reprodução. Mais do que uma descoberta das crianças são as opiniões da professora que parecem prevalecer no final.

A preparação para a leitura é um dos pontos fortes do livro e se encontra bem documentada no “Caderno de Lições”, que será muito útil para os professores do pré-

escolar. Os exercícios são bem construídos, dizem respeito à vida concreta das crianças e possuem a necessária sistematicidade.

Concluindo podemos dizer que se trata de um livro inovador e com muitos pontos positivos ainda que se ressinta de uma falta de explicitação das condições excepcionalmente favoráveis (e, portanto, não representativas para a realidade da maioria das crianças brasileiras) em que a experiência foi realizada.

Walter Carlos Costa